

A Coluna do Kina

EQUILIBRIUM

Equilibrium

Sidney Kina

Imagine centenas de anos atrás, quando um ancestral nosso, mulher ou homem, em um dos muitos momentos de ócio, pegou algumas pedras e, de forma lúdica, colocou-as lado a lado. Provavelmente as ordenou em uma disposição de proporção do centro para os extremos ou vice-versa. Teria feito aí, nesse momento, o primeiro gesto no desenvolvimento da forma e da arte. É até admissível que, nesse ato estranho, de forma intuitiva, ele tenha obedecido no arranjo de suas pedras a princípios de equilíbrio visual que seriam formulados muitos séculos mais tarde – princípios que até hoje não estão perfeitamente compreendidos. Investigando as primeiras manifestações de civilização, os arqueólogos têm com frequência encontrado provas de um senso inato de organização e de um gosto natural pela harmonia de forma e proporção que levam a um equilíbrio visual. Mas o que é equilíbrio visual? Bem, fisicamente equilíbrio é o estado no qual forças agindo sobre um corpo compensam-se mutuamente. Conseguir-se o equilíbrio (físico), em sua maneira mais simples, por meio de duas forças de igual resistência que puxam – ou empurram – em direções opostas, fazendo a manutenção de um corpo na posição normal, sem oscilações ou desvios. No corpo físico o padrão para o equilíbrio visual depende da equivalência de forças opostas que se equilibram e se anulam. A diferença é que, no plano visual, as forças, em verdade, não existem senão em nossas mentes. Dessa forma, a chave para entender equilíbrio visual é compreender essas forças abstratas, as quais podem ser consideradas como forças perceptivas. OK, você já deve ter notado – com apreensão, creio – que as forças perceptivas, por não serem percebidas no mundo real, não passam de meras figuras de retórica. Entretanto, não as subestime. Psicologicamente essas forças existem na experiência de qualquer pessoa que as observe, desde que tenham um ponto de aplicação, uma direção e uma intensidade que proporcionem a sensação de equilíbrio ou desequilíbrio. Qualquer linha desenhada numa folha de papel, ou a forma modelada numa res-

tauração, é comparável a uma pedra arremessada num lago. Perturba o repouso e mobiliza o espaço. Melhor compreensão dessas forças perceptivas pode ser retirada dos estudos de Arnheim,* em seu trabalho clássico denominado “A estrutura oculta de um quadrado”. Com figuras simples, faz sentir de forma clara a presença das forças perceptivas. Vamos explicitar. Observe a Figura 1. Nela vemos um quadrado com um círculo preto aprisionado em seu interior. Não bastasse a simplicidade das formas, algo instigante – quase perturbador – emerge em nossos sentidos. Percebe-se de imediato o círculo preto “irritantemente” fora do centro do quadrado. Como eu sei ou como você sabe? Nenhum de nós mediu a posição do círculo no quadrado para perceber o fato. Em verdade, para qualquer relação espacial entre objetos, há uma distância “correta”, que o olho estabelece. Simplesmente intuímos. Assim, é importante entender alguns fatos.

1. Vemos a figura como um todo. Percebemos a posição assimétrica do círculo como uma propriedade visual do conjunto. Não se vê círculo e quadrado separadamente – se assim fosse, se mentalmente pudéssemos observar as figuras isoladamente, não nos incomodaria a posição do círculo dentro do quadrado. A relação espacial do círculo faz parte do todo que se vê. O conjunto é mais importante que as partes. Lembre-se: num tratamento estético, dentes fazem parte de um todo, e é mais importante como se relacionam visualmente com a face do que entre eles.
2. A experiência visual é dinâmica. Não se percebe apenas o arranjo dos objetos. Antes de tudo, observa-se uma interação entre os objetos gerando tensões visuais – note que essas tensões não constituem algo que o observador (eu ou você) acrescentou às imagens estáticas. Elas são criadas por nossa percepção e, uma vez que possuem magnitude e direção, pode-se descrevê-las como forças perceptivas.

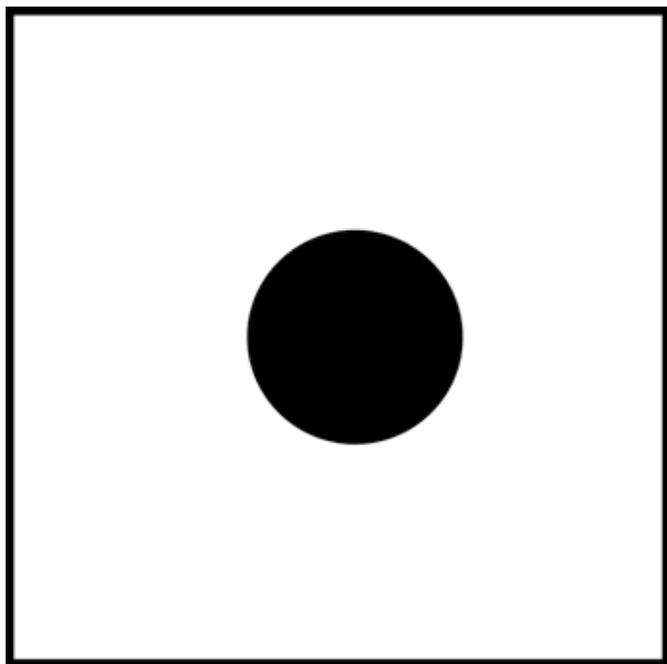


Figura 1: Observe a figura. Percebemos de imediato – de forma quase irritante – o círculo preto fora do centro do quadrado. Esse “incômodo visual” acontece pela quebra do equilíbrio visual, criado pela tensão das forças perceptivas.

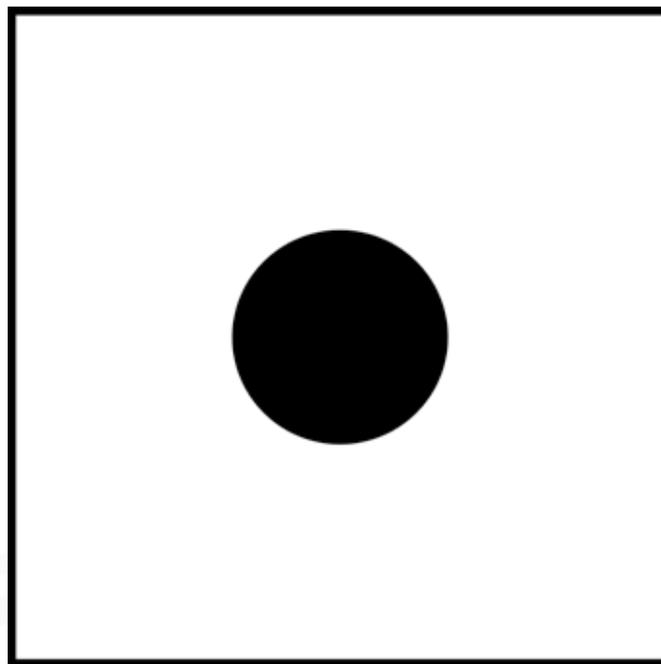


Figura 2: Com o círculo posicionado ao centro do quadrado, as forças perceptivas entram em equilíbrio e as tensões visuais desaparecem.

Confuso? Nem tanto. Volte a observar a Figura 1. Veja, ou melhor, sinta como o círculo parece ser atraído para o centro do quadrado. Atraído por algo que não está presente na figura. É como se o centro do quadrado apresentasse uma força magnética invisível que atrai o círculo, causando uma tensão e um desequilíbrio visual no arranjo círculo-quadrado. A força perceptiva é real, muito embora não esteja no papel e muito menos na tinta que imprimiu o círculo e o quadrado. Está na mente do observador, que insiste em colocar as coisas em equilíbrio. Agora observe a Figura 2, em que o conjunto círculo-quadrado se encontra em perfeito equilíbrio visual, e as tensões visuais geradas na primeira figura foram anuladas. Com o círculo posicionado exatamente no centro do quadrado, o equilíbrio visual é estabelecido por meio da neutralização das forças perceptivas. Ao observar a figura nesse estado, uma espécie de tranquilidade visual é percebida, e se aceita como verdadeiro o centro do quadrado como um ponto estável. Portanto, se compreendermos as forças perceptivas como vetores de força visuais, podemos aplicar o princípio em qualquer arranjo que une visualmente elementos em um conjunto. Toda a vez que me deparo com obstáculos ou dificuldades na resolução estética de algum caso, procuro por esses vetores de força (neutralizando-os para harmonizar, ou direcionando-os para equilibrar, por exemplo, uma linha média desviada ou um plano oclusal discrepante), isso porque a harmonia da imagem – o belo e o feio – são determinados pelo olho

do observador, e não por fundamentos lineares e matemáticos. Não podemos de fato determinar nada. O instinto e a percepção natural o fazem. Essa é a essência.

* Rudolf Arnheim. A estrutura oculta de um quadrado. Art and Visual Perception, 1940.

PARA SABER MAIS

Kina, S. Equilibrium: cerâmicas adesivas case book. São Paulo: Artes Médicas; 2009.



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br